

Conde Nilo, de Almeida Garrett

Conde Nilo, conde Nilo
Seu cavalo vai banhar;
Enquanto o cavalo bebe,
Armou um lindo cantar.
5 Com escuro que fazia
El-rei não o pode avistar.
Mal sabe a pobre da infanta
Se há de rir, se há de chorar.
–"Cala, minha filha, escuta,
10 Ouvirás um bel cantar:
Ou são os anjos no céu,
Ou a sereia no mar."
–"Não são os anjos no céu,
Nem a sereia no mar:
15 É o conde Nilo, meu pai,
Que comigo quer casar."
–"Quem fala no conde Nilo,
Quem se atreve a nomear
Esse vassalo rebelde
20 Que eu mandei desterrar?"
Senhor, a culpa é só minha,
A mim deveis castigar:
Não posso viver sem ele...
Fui eu que o mandei chamar."
25 –"Cala-te, filha traidora,
Não te queiras desonrar.
Antes que o dia amanheça
Vê-lo-ás ir a degolar."
–"Algoz que o matar a ele,
30 A mim me tem de matar;
Adonde a cova lhe abrirem,
A mim me têm de enterrar."
Por quem dobra aquela campa,
Por quem está a dobrar?
35 –"Morto é o conde Nilo,
A infanta já a expirar.
Abertas estão as covas,
Agora os vão enterrar:
Ele, no adro da igreja,
40 A infanta, ao pé do altar."
De um nascera um cipreste,
E do outro um laranjal;
Um crescia, outro crescia,
Co'as pontas se iam beijar.
45 El-rei, apenas tal soube,
Logo os mandara cortar.
Um deitava sangue vivo,
O outro sangue real;
De um nascera uma pomba,
50 De outro um pombo torcaz.
Senta-se el-rei a comer,
Na mesa lhe iam poisar:
–"Mal haja tanto querer
E mal haja tanto amar!
55 Nem na vida nem na morte
Nunca os pude separar."

GARRETT, Almeida – "Conde Nilo". In *Romanceiro*. Lisboa: Ulisseia, 1997. ISBN 972-568-362-5.